



VALLE ENTRE PALMELLA E SETUBAL.

NEM só povoações apraziveis e campos fertéis e cultivados, nem só monumentos antigos e sumptuosos edificios encerra na sua pequenez este abençoado e mimoso sólo de Portugal; tambem o aformoseam valles amenos, bosques frondosos, serranias alcantiladas e todos os varios accidentes naturaes de terreno, que os viajantes apreciam e contemplam. Daremos, todas as vezes que se nos offerecer occasião, as scenas de paizagens picturescas em que abunda o nosso reino, para instigar os nossos conterraneos a estimarem e examinarem as proprias riquezas sem inveja das alheias. E ainda que uma vinheta, ou gravura limitada, seja como imagem reflectida em espelho pequeno e embaciado, pela impossibilidade de representar um vasto quadro e de muitas bellezas em espaço acanhado, não desistiremos do intento, porque sempre se lucra apontar essas bellezas e faze-las conhecidas.

A estampa impressa á frente deste breve artigo mostra o valle, povoado de elevados e bastos pinheiros com sua rama verde-escura e sempre virente, que fica alem das faldas do monte de Palmella para o lado de Setubal, e por onde passa a estrada que vai de Lisboa para aquella parte d'alem-tejo. Esta porção de territorio grangeou as sympathias d'alguns estrangeiros que em suas relações a mencionam. Não menos é digna de noticia a soberba vista que se gosa do alto monte em que jaz situado o antigo castello de Palmella, donde se descobrem em desmesurada extensão terra e mar, e ora serras ora florestas ou valles, com o magestoso prospecto de Lisboa ao norte e da graciosa bahia e povoação de

Tom. IV. JULHO 11 — 1840.

Setubal para o sul. Este painel é ao mesmo tempo magnifico, vasto e variado.

Foi a villa de Palmella fundada pelos celtas d'accordo com os sarrios que por esses sitios habitavam, obra de tres seculos antes da era christã, conforme dizem alguns auctores hespanhoes, que os nossos transcreveram. Amplificou-a o governador romano, Aulo Cornelio Palma, pelos annos 106 antes da cidade era. Tomou-a aos mouros o nosso primeiro rei em 1147, e tornando-se a perder a recuperou em 1165, mandando-a povoar de novo; e o mesmo fez depois D. Sancho 1.^o em 1205. Ennobrecceu-a o convento, cabeça da ordem militar de Santiago da Espada, ácerca da qual nada aqui diremos, pelo termos feito a pag. 52 do presente volume.

CIVILISAÇÃO COMPARADA DOS ANTIGOS E MODERNOS POVOS DA EUROPA.

Os povos, a que chamâmos antigos, e que com effeito foram os pais e fundadores da civilisação europea, não occupam na historia do mundo o logar que lhes assignam as recordações que nos ficaram das aulas. A civilisação do oriente precedeu a nossa: a India, a Persia, o Egypto abriram o caminho ás artes da Grecia, e esta, situada entre a Asia e a Europa transmittiu ao occidente as luzes que recebeu do berço d'aurora. Se houvessemos de dividir as sociedades humanas em duas classes distinctas, o nome de sociedades antigas pertenceria exclusivamente áquellas que, muito tempo antes da epocha helleni-

ca, estiveram sujeitas ao jugo da theocracia oriental. A civilização do occidente proveio da Grecia, e tambem é susceptivel de se dividir em duas secções, a civilização do pantheismo e a do christianismo: se as comparar-mos ambas reconheceremos que firmando-se ellas em bases encontradas, e profundamente separadas por differenças essenciaes, só podiam ser confundidas pela ignorancia ou cegueira dos sophistas. Debalde o enthusiasmo destes procurou introduzir no seio da moderna sociedade christã os elementos da sociedade antiga. Os nossos costumes, idéas e principios repelliam costumes e idéas que emanavam de uma religião destruida. A infeliz imitação dos antigos, quer em litteratura, quer em moral ou em politica tem sido uma das chagas mais funestas do mundo moderno.

N'outro tempo, entre os hellenos ou gregos, que tinham tomado dos indios as suas theorias, era considerado um homem como um espelho do universo; o estado como um todo indivisivel; o mundo politico como uma congregação d'estados submettidos ao mesmo principio, o mundo physico como um grande corpo composto d'energias divinas. Sacrificavam-se as individualidades: as instituições civis eram tudo, as domesticas quasi nada. O cidadão, membro da republica ou da oligarchia, devia immolar-se eternamente ao estado de que era parte. E que importava um individuo comparado com a existencia e segurança de todos? Ensinavam aos homens o perpetuo sacrificio da sua pessoa, e quebravam assim o primeiro e mais forte dos vinculos que nos prendem á vida e á virtude; ensinavam-os a largar a familia pelo estado, a considerar este como a familia unica e a viver só para ella, embora exigisse injustiças ou crimes: então a escravidão, necessidade cruel desses tempos, passava por lei que viera do céu, e até a servidão das mulheres era similhantemente justificada.

Porem a civilização christã veio mudar tudo; restituiu á individualidade humana o seu poder, promulgando o mais fecundo de todos os principios racionais e moraes; a igualdade de todos perante Deus. Poz o bem geral na felicidade parcial de todos; destruiu a abstracção da politica antiga que exigia de cada um o esquecimento ou abnegação da existencia propria, restaurou o lar domestico, e disse ao homem: «As tuas virtudes particulares concorrerão sufficientemente para o bem publico; segue as leis que a mão omnipotente te gravou no coração e deixarás de ser criminoso. — »

Tal é o contraste indelevel que nos appresentam os elementos da sociedade moderna comparada com a antiga. Sob a influencia do christianismo, ajudado pelos progressos da industria e pelo desenvolvimento do commercio, recuperou o homem a verdadeira liberdade de suas acções. A vida privada descartou-se de péas; desappareceram certas leis coercitivas, que impondo ao homem virtudes de cidadão, anniquilavam ao mesmo tempo as virtudes de pai, de irmão, de marido: veio cada um a ser senhor das suas acções, juiz da sua felicidade, arbitro do seu destino. Os laços que nos prendem á patria talvez que um tanto se affrouxassem, mas os vinculos naturaes estreitaram-se e consolidaram-se. Deixou de ser violado o sanctuario domestico; a economia interna das familias libertou-se do jugo d'uma inquisição tyrannica; a educação commum sujeitou ao mesmo nivel todas as faculdades, vasou pelo mesmo molde todas as intelligencias; o pai de familias recobrou os seus direitos que o estado usurpára; a mudança foi immensa.

Uma infinidade de causas collateraes concorreram

para o mesmo fim, e favoreceram esta revolução, a mais importante de quantas commemora a historia das nações. Os povos que tiveram parte na grande irrupção que, como o embate de violentas ondas, derribou a orgulhosa Roma, vieram de regiões incultas, de climas rigorosos, onde a terra só produz fructos pelos esforços reiterados e vigorosos da mão que os sollicita: mas esta severidade da natureza é um beneficio moral para os povos; o trabalho constante e forçado os esquivava aos perigos da ociosidade e do fausto. Em lugar de gregos e romanos vimos reinar na Europa os filhos da Germania, especie de agricultores nómadas, e esses milheiros de tribus septentrionaes, habituadas a frequentes emigrações, mas tanto mais apegadas a seus numes caseiros quanto não existia para elles a patria, como nós hoje a conhecemos. Vieram então as virtudes guerreiras e privadas a ser a base da sociedade: em vez de se tractarem os negocios publicos no fóro, ventilavam-se sob a tenda militar ou na choça junto á lareira: a existencia que d'antes fôra toda exterior passou para toda interior, e a religião christã que abraçaram aquelles povos favoreceu o novo movimento social: a nacionalidade antiga só ficou durando nas recordações da historia.

Com effeito, que differença enorme entre os nossos costumes modernos e aquelles de que foi theatro Athenas. Debaixo d'uma atmosphaera esplendida, cuja influencia fertilisava o solo, os escravos trabalhavam para seus senhores, e na industria e no trabalho manual estava impresso o ferrete da ignominia. Reuniam-se os ociosos nas cidades para desfructarem todos os prazeres, e carregavam na parte da população subjugada os penosos trabalhos da agricultura e das artes. Essas republicas gregas tão gabadas eram umas associações de cavalheiros que viviam á custa dos escravos reputados como bestas de carga, e que sustentavam seus donos: e estes donos tinham todos os defeitos que a ociosidade gera, e o exercicio do poder alimenta. Como se contentariam pois com uma existencia íntima, privada? Como achariam attractivos e suavidade nos deveres domesticos, quando até as mulheres eram consideradas como escravas uteis? Os prazeres da ambição, o credito, a opulencia os esperavam na praça publica. Alem disto, uma grande quantidade de homens, sustentada pelo estado, mendicante por gôsto e habito, não conhecia a patria senão como um manancial d'esmolos, a nada tinha apêgo, e conservava-se n'uma depravação, n'uma miseria vil mas orgulhosa.

Para a maioria do povo atheniense não havia familia. Festas sumptuosas, enthusiasmo vago, o prazer de dominar, o amor dos espectaculos occupavam os dias e os annos dos opulentos, cuja abjecção real nos patenteam com tão feias côres, mas tão verdadeiras, as obras comicas d'Aristophanes. Não ganhavam o pão com o suor do rosto, e ignoravam o prazer vivo e profundo que nasce do trabalho perseverante repartido com os concidadãos ou com os membros d'uma familia: affluam á praça publica e julgavam, conforme a seus interesses ou a seus caprichos, os negocios do estado; pagavam-lhes o seu quinhão de soberania e tanto lhes bastava. Viu-se uma semelhança disto nos tempos modernos em França, quando dilacerada pela revolução do seculo passado. Mas julgará alguém que as virtudes domesticas lucravam em tal situação?... Esses athenienses, que dormiam nas lagens dos porticos dos templos, esperando a hora de julgar e de serem pagos, tinham por ventura a menor idéa daquellas virtudes?... O principio da *propriedade*, o mais conservador e benefico dos elementos sociaes, mal existia para os habitan-

tes d'Athenas: nunca o proprietario contava com seus bens seguros. O capricho das turbas, as necessidades d'um thesouro empobrecido, que estava em permanente bancarota, *sacavam á vista* sobre os cofres dos particulares; e os ganhos da industria, as legitimas acquisições do trabalho lá iam em meio de sedições e alborotos sumir-se naquella voragem insaciavel. Contínuas agitações foram debilitando a energia, o poder intellectual e moral dos cidadãos. O historiador Thucydides, observador profundo, nos revela o como os costumes gregos absorviam e anniquilavam os mais suaves, mais gratos e modestos sentimentos, que constituem a felicidade da vida domestica. Em meio de lutas terriveis e amiudadas, ninguém curava dos sagrados vinculos de familia. A vida dos acampamentos e a do fóro occupavam toda a existencia daquelles homens: uma contínua precisão de violentas commoções lhes tyrannizava as almas: as occupaões sedentarias os horrorisavam. — Oriundos da Asia, bem como a maior parte das suas instituções, nascidos sob a influencia d'um clima ameno mas cáldo, que lhes aquecia as phantasias e lhes estimulava as paixões, os athenienses desprezavam a casa e tudo faziam em publico: negocios publicos e particulares, festejos, ensino, educação tudo se fazia na rua. Templos, porticos, banhos publicos, theatros, gymnasios eram inundados de povo sempre em movimento e para o qual a solidão seria um supplicio. Em Esparta ou Lacedemonia, onde havia a mesma divisão de senhores, que eram os guerreiros, e de escravos agricultores, que eram os miseraveis ilotas, até as comidas eram em commum e em publico. A philosophia atheniense dava as suas lições no ar livre. O homem não procurava a casa como logar de prazer e descanso, mas apenas como abrigo para a noite. Pois se não existia a vida privada, como poderiam desenvolver-se as virtudes domesticas? . . . Examinai a condição das mulheres na Grecia. A' proporção que o espirito democratico faz progressos descem ellas da elevada jerarchia em que no-las mostram os versos d'Homero. O sentimento nobre e generoso que as patrocina e engrandece extingue-se gradualmente: já não são as companheiras do homem, os objectos de veneração e de amor, mas sim as miserias depositarias d'uma população que se reproduz para depois desprezar o sexo fragil a quem deve a existencia. A castidade é ludibriada, e commettem-se toda a casta de torpezas. Esparta converte em lei a devassidão; Corintho inunda a Grecia com ranchos de meretrizes. Athenas tem as suas Etairas a quem vão render cultos os mais illustres habitantes da cidade. Tais são os bellos costumes das famosas republicas gregas! A mulher legitima, a esposa, reclusa n'uma esphera puramente physica, desterrada n'uma habitação, com o encargo de tratar os filhos pequenos, era considerada como um traste da casa, ou quando muito como uma primeira escrava. Um orador depois de ter pedido ás mães e irmãs dos guerreiros que morreram pela patria que pagassem o tributo das lagrimas á memoria desses heroes, recommenda-lhes que se não esqueçam de seus filhos e irmãos, que não jantem o defeito da ingratição *a todos os defeitos com que as dotou a natureza!* Que insensibilidade! que dureza de palavras! . . . Nos theatros, nos templos, nos tribunales não eram as mulheres melhor tratadas. Este sexo, porção tão importante do genero humano, ia-se depravando moral e intellectualmente á força de desprezos e injurias.

Todavia quem ha que ignore a influencia das mulheres na sociedade humana, quer pelo que respeita ás inclinações e paixões, quer pelo que toca á mo-

ralidade? Se observar-mos os costumes d'uma sociedade bem constituida veremos em tudo os vestigios dessa influencia; da mesma maneira que os retratos, pintados pelo Ticiano ou por Van-Dyck, nos attrahem e nos appresentam sempre as mesmas feições, qualquer que seja a postura que tomarmos para os contemplar. — Onde virdes que se nega o devido apreço ao sexo feminino, estai certos que a ordem social não offerece segurança, tranquillidade e ventura. Sabei que é universal a corrupção, onde as mulheres forem mal educadas: onde ellas forem escravas, só o direito do mais forte reinará, e o despotismo, o egoismo, a dureza de coração serão os attributos do poder do estado. Onde se desprezarem as suas qualidades móraes, pacíficas e civilisatórias, achareis a bruteza da sensualidade; porque á mais formosa e mais branda e caridosa porção do genero humano tolheram o exercicio das virtudes domesticas, o desenvolvimento da energia mental, e a desviaram da sua missão de paz, de consolação e de felicidade.

Por isso, alem da causa que anteriormente apontámos, nas republicas gregas, se consideravam unicamente como virtudes o valor physico, a teima, a pertinacia, o capricho e um mal entendido apêgo ao que chamavam patria, porque não podia ter patria quem não tinha lar domestico.

Entretanto, uma observação consoladóra se appresenta ao philosopho, que vai percorrendo com o pensamento a longa serie dos destinos humanos. Parece que um melhoramento sensível e constante ia apurando os principios de moralidade derramados entre os povos: e é facil o seguir este progresso desde a epocha em que as historias comegam a ser mais claras até o tempo em que se nos appresenta Roma, com todos os seus vícios e ambições gigantes, porem sob um aspecto menos immoral que o da Grecia dos tempos antigos. A sociedade grega, ou para melhor dizer-mos, esse aggregado d'estados pequenos mal organizados, que laboravam em contínuas dissensões e disturbios, ora entre si, ora dentro de si, tinham escolhido por base constitutiva metaphysicas erroneas, n'uma palavra, sophismas. Licurgo e Solon em abstracções fundaram os seus codigos: o ideal do guerreiro feroz subjogou o entendimento do legislador de Lacedemonia; o ideal da democracia preocupou a mente do legislador d'Athenas: nenhum delles viu os homens como elles eram no seu tempo e como poderiam vir a ser no futuro. Ambos intentaram suffocar o clamor da natureza, distrahi-la violentamente das inclinações a que propende, e quizeram transformar o homem n'um mero instrumento de politica ou de guerra, quando nem esta nem aquella são o seu estado natural. Cahiram n'um erro analogo ao dos fundadores de conventos e mosteiros em tempos posteriores. Porem os romanos, dotados d'intelligencia mais positiva e pratica, em vez de se guiarem por chimeras ideaes, em vez de abraçarem logo o empirismo do primeiro theorico que apparecesse, em vez de se capacitarem que as boas instituções brotam do cérebro d'um legislador, como Pallas sabiu armada da cabeça de Jupiter, não quizeram arriscar a sua ventura e o seu descanso a experiencias atrevidas. Consultaram a prudencia humana, lenta nos seus methodos, tímida em seus ensaios, conservadora por essencia, e profundamente sagaz, cautelosa e previdente. — A base da sociedade romana era a agricultura, e a esta fecundissima arte, manancial de todas as prosperidades deram os romanos o maior impulso e tributaram a maior veneração: o guerreiro deste estado poderoso, na sua origem tanto sabia manear a espada como o arado, objectos ambos que

lhes eram apreciáveis, um como instrumento que lhe proporcionava os meios para existir, outra como seguro fiador da sua independência e liberdade. Não precisava o cidadão para cumprir os deveres patrióticos de se esquecer dos deveres domésticos: e se na sociedade romana subsistiram e se perpetuaram vestígios de barbaridade, era isso porque a civilização ainda estava em grandíssimo atraso: não fallámos da civilização de bonecos e pinturas em que a Grecia foi perita, porem da que resulta da moral e das leis aperfeiçoadas, a unica que é capaz de fazer a ventura d'um povo. A educação da especie humana exige, para ficar completa, longa serie de seculos, nem nós os presentes nos podemos gabar de que a possuímos inteira e indefectível; menos e muito menos a possuíam portanto os primitivos romanos. Todavia é digna d'elogios a politica, que este povo antigo adoptou, admiravel, vagarosa, gradual, confiando só na experiencia, caminhando com extrema precaução, acautelada contra todos os erros, sem deixar fugir os meios de prosperar, amoldando-se ao progresso social, e occorrendo sempre ás precisões activas da humanidade. — A grandesa de Roma; a preponderancia que

adquiriu na terra, e que não pode comparar-se com a brilhante, mas fugitiva e repartida gloria com que a Grecia se enfeitou por tempo breve; aquelle poder gigante que se dilatou por todo o orbe então conhecido, e que só pelas proprias mãos da nação que o creára foi desfeito; tiveram por principio a razão madura, a sciencia d'utilidade pratica, cujos segredos desenvolveram e cujos recursos empregaram os primeiros fundadores de Roma. A crença antiga e a constituição geral da sociedade os constrangeram a não abolir a escravidão: mas ao menos não mantiveram uma chusma de pobres, cuja ociosidade parasita devorava a substancia d'Athenas. Marido e mulher foram iguaes perante a lei: a *clientella* estabeleceu entre ricos e indigentes relações de beneficencia e de reconhecimento: honraram-se os deuses penates. O dono da casa vigiava os interesses da mesma: a *propriedade* estava segura, e se as dissensões motivadas pelas pertenças dos patricios, ou pelas ambições dos plebeus a compromettiam de tempos a tempos, pelo menos nunca padecia o *estado normal* da sociedade.

(Continúa.)



O MICO VULGAR.
(*Simia iacchus*.)

Por vezes teem sido confundidos sob a mesma denominação tres generos de macacos, que se parecem uns com outros na fórma exterior e nos caracteres anatomicos: e são os *saitaias*, os *saguís*, e os *micos* ou *saguís* pequeninos do Maranhão. Os *saguís* são mais pequenos no tamanho e teem cores mais vivas

e variadas que os *saitaias*: os *micos* semelham os *saguís* em não terem callosidades nas nadegas nem papos nas bochechas, e pela cauda igualmente cuberta de pello curto e basto; differem porem no corpo mais esbelto, n'uma especie de garras em vez d'unhas, e por outras mais circumstancias que aos naturalistas

pertence averiguar. Os micos, ou macacos em miniatura, encontram-se no Brasil e nas Guyannas. O seu modo de viver é analogo ao dos outros quadrumanos da mesma região, mas com a particularidade de procurarem mui avidamente insectos para seu alimento: são também muito golosos de ovos. O natural destes animaes é brando e tímido; e facilmente se domesticam. Superfluo será dizer que os micos, visto o clima donde são originarios, carecem de logar quente para viverem na Europa: apesar de todas as prevenções não duram nesta região, posto que tenham chegado alguns a procrear. O mico ou saguí pequenino é um brinco de rapazes e um divertimento para senhoras.

HISTORIADORES PORTUGUEZES.

IV.

(Veja-se a pag. 346 do 3.º vol.)

Garcia de Resende.

COM os começos do reinado de D. Manuel os horizontes da nossa litteratura estenderam-se consideravelmente. Era a epocha do esplendor nacional, e ao passo que as nossas conquistas e poderio se dilatavam, dilatavam-se também os progressos litterarios dos portuguezes. A imprensa tinha produzido o magnifico livro da *Vita-Christi*, e com isso dava mostra de que Portugal possuia, em toda a perfeição possível para aquelles tempos, esse motor maravilhoso que devia conduzir a Europa com passos agigantados pela estrada da civilização e do progresso. Neste reinado de gloria e de predomínio — mas de uma gloria differente da antiga, e de um predomínio que assentava sobre base tão incerta como eram os milhões de ondas do oceano, em que elle se estribava — proseguiu em maior escala o triste systema de D. João 2.º de substituir a agricultura pelo commercio, como fonte principal da riqueza publica. Era então que a monarchia, anniquilando os derradeiros restos da sociedade feudal nas Ordenações Manuelinas, e assentando-se na larga e firme base do direito romano, realisava e completava, por um lado o pensamento politico, por outro o pensamento economico do manhoso filho do nosso ultimo rei cavalleiro. As palavras *e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia &c.*, que D. Manuel acrescentava ao dictado de *senhor de Guiné* que D. João para si tomára, eram a expressão mais simples e mais exacta da idéa commercial e monarchica, isto é, de que o commercio obtido por meio das conquistas e navegações, pertencia ao *senhorio real*, e a historia dos ciúmes de D. João 2.º e do seu successor sobre os novos descobrimentos confirmam a nossa opinião. Assim o estado se confundia ou antes se incorporava na corôa, e se constituíam essas fórmulas politicas dos reinados seguintes que resumbram em toda a legislação posterior, e a que talvez possamos chamar meio termo entre o absolutismo e o despotismo, como a organização social portugueza antes das côrtes de 1481 se pôde também considerar como um meio termo entre o absolutismo e a monarchia representativa.

Substituida, portanto, a agricultura, que era do povo, pelo commercio exclusivo, que era da corôa, e extinctas as tradições feudaes na nova compilação Manuelina, a idade média morrêra, com o seu systema de luctas e resistencias, e começára esse seculo 16.º, cujo character essencial em politica, foi a unidade monarchica. Este phenomeno explica o novo aspecto que tomou a historia, e o apparecimento de uma litteratura cortesã e paceira, que visi-

velmente se distingue nos poetas mais modernos do cancionero, nas obras latinas que por esse tempo appareceram, principalmente nas de Cataldo Siculo, e nos autos do Aristophanes portuguez Gil-Vicente, compostos para alegrar as horas de tedio nos paços de D. Manuel. A chronica tomou logo o sabor do elogio historico, e Garcia de Resende, velho cortesão, escreveu a vida de D. João 2.º debaixo dos tectos dos sumptuosos paços da Ribeira. A este pobre homem não cabe, todavia, a gloria da invenção daquelle genero historico: Ruy de Pina foi o seu inventor. A chronica de D. João 2.º escripta por este foi o modelo, ou antes o original da de Garcia de Resende, que apenas lhe acrescentou alguns dictos e feitos do seu heroe, algumas anedotas desenxabidas e triviaes de antecamera, em que não esqueceram as acontecidas com o proprio auctor. Garcia de Resende não fez senão aperfeiçoar a chronica individual, e tornal-a, ainda mais que Ruy de Pina, uma biographia real. E que outra fórmula podia ter a historia n'uma epocha em que a organização social tinha sumido o povo, a nobreza, e ainda o clero, debaixo do throno do monarcha?

Seria uma das comparações mais curiosas a do character historico da chronica de D. João 1.º por Fernão Lopes com o da chronica de D. João 2.º por Garcia de Resende, se ao mesmo tempo se comparasse o estado da sociedade portugueza no meado do seculo 15.º com o em que se achava no principio do 16.º Esta comparação nos parece serviria para explicar as formulas historicas pelas politicas, e vice-versa, estas por aquellas.

Que distancia espantosa não ha, com effeito, entre o grande poema de Lopes e a mesquinha collecção de historietas de Garcia de Resende, onde apenas avultam algumas paginas com o supplicio de um nobre, o assassinio de outro, e o mysterio de um rei que morre, ao que parece envenenado? Que distancia espantosa de um cadafalso, de um punhal, e de uma taça de veneno ao cêrco de Lisboa, á batalha d'Aljubarrota, ao baquear de Ceuta? No livro de Garcia de Resende vê-se o aspecto triste, e a vida de agonia, e o sorrir forçado de um rei sem familia, rodeado de cortesãos, cujos nomes pela maior parte se resolvem em fumo com o morrer de seu senhor, a quem seguem os ginetes de Fernão Martins, os bésteiros e espingardeiros da guarda, não para pelear com estranhos, mas para o defenderem contra odios de seus naturaes. Ahi o vulto real abrange quasi os horizontes do quadro, e só lá no fundo, mal desenhadas e indistinctas, se enxergam as personagens historicas daquelle epocha, e as multidões agitadas ou tranquilladas a um volver d'olhos do monarcha, mas nullas tanto em um como em outro caso. Na chronica de Fernão Lopes ha pelo contrario a historia de uma geração: é um quadro immenso de muitas figuras no primeiro plano. Nos degraus do throno de D. João 1.º estão assentados guerreiros e *sabedores*, e monges e clerigos, e povo que tumultua, e brada com voz de gigante — *patria!* — Ao pé da imagem homérica de Nunalvrez vê-se a frente serena e sancta do arcebispo de Braga, e a face mediatubunda e enrugada de João das Regras, e os vultos terriveis do Ajax portuguez Mem Rodrigues, e do esforçadissimo Martim Vasques, e de tantos outros cavalleiros a quem difficilmente sobrepuja o rei popular, o Mestre d'Aviz. O chronista faz-vos acompanhar as multidões quando rugem amotinadas pelas ruas e praças, guia-vos aos campos de batalha onde se dão e recebem golpes temerosos: abre-vos as portas dos paços ao celebrar das côrtes, ao discutir dos conselhos; arrasta-vos aos templos onde trôa a

voz do monge eloquente; lança-vos, enfim, no existir dos tempos antigos, e embriagando-vos com o perfume da idade média, e deslumbrando-vos com o brilho da epocha mais gloriosa da historia desta nossa boa terra portugueza, evoca inteiro o passado, e rasgando-lhe o sudario em que jaz, com o sopro do genio dá alma, e vida, e linguagem ao que era pó, e morte, e silencio.

Em Ruy de Pina raro se encontra a historia da ração; em Garcia de Resende talvez nunca. Fernão Lopes e Azurara tinham escripto no tempo de Afonso 5.^o: estes escreviam no de D. Manuel. D'ahi provem a differença.

Em poucas palavras o pouco que se sabe da biographia de Resende.

Ignora-se a epocha do seu nascimento; mas sabe-se que era natural d'Evora e irmão do celebre André de Resende, o traductor de Cicero. Foi pagem da escrevaninha de D. João 2.^o e seu predilecto. Grato por isto, lhe escreveu a vida, a qual se imprimiu em Evora em 1554. Compoz tambem uma relação da infanta D. Beatriz para Saboia, e outra da viagem delrei D. Manuel a Castella, e finalmente umas trovas satiricas que intitulou *Miscellanea*. Colligiu em um volume as poesias avulsas que no seu tempo tinham mais celebridade, tanto dos poetas daquella epocha, como de outros mais antigos. Este volume que foi dado á luz por elle em Lisboa em 1516, com o titulo de *Cancioneiro Geral*, é hoje um dos mais raros monumentos da nossa litteratura, e o verdadeiro titulo de gloria de Garcia de Resende.

Em 1514 foi a Roma como secretario do embaixador Tristão da Cunha, mandado ao papa por elrei D. Manuel. Voltando á patria morreu em Evora, não sabemos em que anno, e jaz no convento do Espinheiro.

A. H.

HYGIENE POPULAR.

Depois de havermos tratado da natureza, quantidade, e circulação do sangue, (*) mostrando o admiravel mechanismo das veias e arterias, fallaremos agora dos meios mais adequados para manter a acção das funcções do coração no melhor estado, e por consequente no da mais vigorosa saude.

O exercicio foi sempre considerado como elemento essencial no desempenho das funcções corporeas e principalmente a digestão; e tambem como preservativo das numerosas doencas a que está exposta a constituição humana.

Se examinarmos as obras dos medicos antigos e modernos veremos que todos recommendam e apreciam os beneficios resultantes do exercicio do corpo. O primeiro medico que nelle descobriu um preservativo contra as enfermidades foi Herodico, thraciano, o qual fundou uma academia a que deu o nome de *Gymnasia*, e aonde exercitava os seus discipulos nos jogos athleticos; e convencido pelas suas observações do muito que elles contribuiam para a saude os aconselhava aos doentes debaixo de certas fórmulas que descreveu com o titulo de *remedios gymnasticos*.

As suas doutrinas obraram tão empiricamente que toda a gente accreditou que o exercicio do corpo era um allivio effectivo, e talvez a cura radical de quaesquer enfermidades. Hippocrates, e depois d'elle Galeno, não approvavam taes exercicios em casos de febre; porem recommendavam o *estrigitio*, ou fricção do corpo com uma escova. Julgando que a conservação da saude depende mais deste e outros exercicios gymnasticos, que do uso dos remedios, repro-

(*) Vid. a pag. 343 do 3.^o vol.

vavam comtudo os exercicios athleticos mui violentos, como o lutar, saltar, trepar, &c., pelo perigo de causarem alguma ruptura.

Socrates costumava bailar até ficar cansado, e assim experimentava grande beneficio na saude. Asclepiades foi de parecer que a fricção, o passeio, o movimento de liteira, e outros exercicios semelhantes eram os mais poderosos auxiliares da medicina. Suetonio diz que Germanico se curou completamente de uma atrofia, que o privára quasi do movimento dos dedos das mãos e pés, só com o exercicio de andar a cavallo; e o eloquente Cicero, obrigado a abandonar a lida do foro em consequencia de extrema debilidade, recobrou a saude viajando, e dando a si fricções diarias; preservativo tão conhecido e apreciado dos romanos, que delle faziam quasi quotidiano uso.

A utilidade do goso do ar livre é tão sabida, que escusado nos parece recorrer, para prova-la, ao raciocinio; por isso só fallaremos da prompta circulação do sangue como o bem mais immediato que produz o exercicio corporeo. Os movimentos e contracções do coração e arterias sentem-se com mais força quando o sangue se derrama pelo corpo, e principalmente se elle toca nas extremidades das arterias. Produz então um abrasamento na superficie do mesmo corpo, subindo uma cor rosada ao semblante, e enchendo-se de sangue arterial escarlata os pequenos vasos capilares da face: ao mesmo tempo abrem-se os poros por onde se exhala a respiração insensivel, e corre o fluido respirante. Os ramos distantes das arterias do corpo se dilatam e agitam mais fortemente; e as funcções das glandulas e outros órgãos secretorios se estimulam com mais actividade no desempenho das suas differentes funcções. Quanto maior for a abundancia do fluido gastrico tanto mais perfeita será a digestão, ficando o estomago preparado para a repetição do processo digestivo. A bilis e o suco pancreatico obram então com summa presteza, dando por consequencia dobrado vigor aos outros movimentos do canal alimentar. Alem disso, as funcções dos pulmões tornam-se mais activas, e buscam maior copia de principio vivificante, decompondo o ar atmospherico para lhe extrahir o oxigeneo.

Tendo considerado as vantagens que o systema humano deriva do exercicio, sem que nos alargassemos sobre a fisiologia, cumpre-nos agora indicar o modo mais proprio de pratica-lo com aproveitamento. Em primeiro logar o exercicio não deve ser violento, nem tão continuado que cause fadiga. Apesar disso é quasi impossivel fixar regras a tal respeito, attenta a multidão de circumstancias que podem occorrer; e necessario é que a constituição, a idade, os habitos, e robustez do corpo modifiquem os effeitos do exercicio nos differentes individuos. As creanças podem fazer quanto exercicio quizerem, uma vez que evitem os perigos em que usam cahir por inadvertencia sua, ou, o que é mais vulgar, pela brutalidade de quem as acompanha. As pessoas moças podem tambem dar-se a qualquer exercicio, com tanto que fujam das consequencias fataes de se exporem ao ar frio estando suadas e cansadas, e de certas posições violentas que causam roturas arteriaes e abdominaes. As pessoas robustas não é nocivo o exercicio nem o cansaço, uma vez que não se violentem; e os velhos devem, por conveniencia propria, dar-se á possível agitação, evitando toda a casta de fadiga. Em quanto aos valetudinarios e convalescentes só elles estão nas circumstancias de conhecer o grau de exercicio que mais lhes convem; porem seja andando por seu pé, ou sustidos por al-

quem, é certo que lhes é util e necessario algum exercicio.

Póde-se dar acção ao corpo com muita vantagem por meio de movimento communicado. Passear a cavallo ou de sege, e andar embarcado, são os exercicios mais proprios e seguros para o convalescente, e que muitas vezes curam doenças que seriam fataes aos enfermos se estes por mal entendida precaução se encerrassem nos seus aposentos. Raras vezes uma alcova é bem ventilada, e quando o é nunca alli se gosa do ar livre do campo, ou do jardim.

O movimento de uma embarcação é o mais suave de quantos se conseguem pelo contacto com um corpo movente, e por isso o mais adaptado á condição enferma e delicada do corpo, e principalmente á dos que padecem dos pulmões, como os eticos e tísicos. Os antigos romanos mandavam os seus enfermos para o Egypto, não porque estes tirassem dalli vantagens, mas pelas melhoras que experimentavam em tão larga viagem por mar. Celso recommenda a navegação como remedio heroico para taes enfermidades; e aconselha que se o enfermo não tiver bastantes forças para emprender uma viagem extensa, trate ao menos de passar a qualquer ilha visinha, ou de um a outro porto da costa. Se da agitação produzida pelo movimento do barco não resultar o desejado beneficio, attribua-se a causa aos enfermos, ou ás pessoas que os tratam, por deixarem chegar a molestia ao ultimo grau, e a estado em que, nem na medicina, nem naquelle salutar recurso podem achar remedio.

Passear a cavallo é outro exercicio em que se obtém movimento communicado. A differença que ha entre este exercicio e o da navegação consiste na qualidade de ar que se respira; e sendo mais puro o do mar é por isso muito proprio para a cura das enfermidades pulmonares. A agitação que se obtém andando a cavallo tende ao curativo das molestias chronicas, indigestões inveteradas, imperfeita secreção da bilis, e de toda a doença não acompanhada de febre. Medicos de primeira ordem tem recommendado como inapreciavel o exercicio a cavallo se delle se fizer uso constante. Boerhaave descobriu nelle o meio efficacissimo de fortalecer os espiritos e augmentar as forças. Sydenham no seu tractado sobre a gota, e mormente na parte relativa aos paroxismos, apontando-o como o primeiro remedio para taes enfermidades, acrescenta: — «Sem duvida; lembrou-me frequentemente que se alguém descobrisse um remedio de que podesse fazer segredo, tão efficaz para as doenças chronicas como o exercicio de andar constantemente a cavallo, accumularia dentro em pouco uma riqueza enorme.» — O movimento da carroagem, ainda que menos vantajoso, póde comtudo ser mui util, e preferivel a respeito de algumas pessoas.

Em quanto a exercicios de movimento proprio talvez se não conheça outro mais util do que a dança, pelo seu duplicado influxo na constituição phisica, e nos sentidos. Nestes termos, uma salla de baile onde de hora a hora se dançasse, seria um estabelecimento de summa utilidade para a saude publica. Mas os inconvenientes que appresenta a reunião de pessoas desconhecidas umas ás outras, e sobre tudo a dos dois sexos, tornam impossivel tal academia; e por isso o passeio a pé, que não tem aquelles inconvenientes, e é o mais natural, poderá substituir o exercicio da dança.

As pessoas que enfermam em consequencia de vida sedentaria devem a elle recorrer, principalmente no campo: quem estiver habituado a passear pouco cansará muito ao principio, e talvez venha a sen-

tir incommodo; mas deve lembrar-se que no fim de poucos dias cessa a fadiga e começa o goso. Convem primeiramente andar pouco, mas frequentemente e continuar assim até achar-se com forças de dar um passeio extenso que lhe sirva de exercicio para todo o dia.

Tão convencidos estavam os medicos antigos do muito que contribuiam os passeios a pé para a conservação e estado perfeito das funcções do corpo, que usavam recommendar aos seus doentes que andassem oitenta estadios por dia. Cumpre observar que para se colher todo o bem de semelhante exercicio é absolutamente necessario esquecer todos os cuidados da vida, pois seria uma illusão querer ligar o estado de meditação profunda com a distracção que, como remedio, aquelle exercicio demanda.

Do que levámos dito não se infira que devemos mover-nos como automatos: na natureza encontramos muitos objectos que nos entretenham utilmente. O que recommendamos é que o advogado, por exemplo, suspenda as suas meditações sobre algum pleito de grande monta em quanto durar o passeio; mas poderá divertir-se colhendo arbustos, examinando-os, e classificando-os segundo os systemas botanicos. Que o negociante se esqueça do escriptorio para se occupar da geologia do terreno por onde passeia; e que o mathematico affaste da imaginação algum problema difficil a fim de se entreter com a agricultura durante o seu exercicio ambulante. Finalmente, quando um individuo passeia para allivio ou cura de enfermidade, deve conservar mui tranquillias as faculdades mentaes, e abandonar completamente as serias occupações da vida; pois está conhecido que a força animal, ou excitamento natural, como dizem os medicos, se debilita e estraga com o continuo e intenso exercicio daquellas faculdades.

A ORATORIA OU ELOQUENCIA.

1.º

O PRINCIPAL fim da oratoria é convencer ou persuadir. De ordinario o orador considera a investigação da verdade como um fim secundario: assumindo por base certos principios ou factos, suppostos ou admitidos, o seu alvo é appresenta-los de maneira que obtenha o assentimento da intelligencia dos ouvintes ou lhes commova o coração, a fim de os desviar d'uma resolução ou acção, ou de os incitar para a pôrem em pratica.

Já em tempos remotissimos, como se depreheende da Iliada, os gregos tinham em grande apreço a eloquencia, posto que barbara e grosseira, conformae com os habitos e pensar daquelles povos rusticos: e os modernos viajantes encontram nas tribus selvagens um ou dois homens que possuem a arte de bem fallar, ao modo de seus patricios, e que são ouvidos com reverencia. Segundo Quintiliano, insigne mestre da arte, o primeiro que segundo regras cultivou a eloquencia foi o philosopho Empédocles, o qual floreceu pelos annos 450 antes de Christo; e os primeiros escriptores nesta materia foram Corax e Tisias, ambos naturaes da Sicilia; foi seu contemporaneo Gorgias, que tanto se distinguio que em Delphos lhe erigiram estatua. — O discipulo mais notavel de Gorgias foi Isocrates, que o preclarissimo Cicero nos inculca como grande sabedor e professor da arte oratoria. O tratado do profundo philosopho Aristoteles sobre a rethorica é o mais antigo que sobre esta materia possuímos, e um dos livros importantes que d'eras remotas chegaram ao nosso tempo. Demosthenes, de quem fallámos a pag. 284 do vol. 3.º attin-

giu o grau d'excellencia na oratoria por tal fórma que o seu nome e o de Cicero servem d'antonomasia para qualificar os mais insignes oradores, e são tão proverbias que o individuo menos conhecedor da antiguidade diz: *falla como um Demosthenes ou Cicero*, quando designa alguém possuidor do dom da palavra; assim como diz do homem concludente e forte em raciocinios e sentenças: *falla como um Cato*: postoque de ordinario bem infelizes e disparatadas são taes comparações. Eschines foi o rival de Demosthenes; nenhum delles escreveu preceitos, mas as orações ou discursos, que ainda hoje temos, são modelos, que ensinam mais que as regras, aliás falliveis, que nos poderiam deixar. Theodectes e Theophrasto, discipulos d'Aristoteles, tambem escreveram livros de rethorica, e o mesmo fizeram depois varios philosophos das seitas stoica e peripatetica. Existe um tratado muito importante sobre a *composição*, attribuido a Demetrio de Phalera; Dionisio d'Halicarnasso é o auctor d'uma obra sobre a mesma arte, e de notas criticas sobre os oradores gregos, de muito merecimento. Outros escriptores mencionam nas suas instituições da oratoria o insigne Quintiliano, e depois deste grande mestre, ainda entre os gregos floresceram Hermogenes e Longino (1).

O estudo da eloquencia tinha subido a grande perfeição na Grecia, e era ainda desprezado em Roma. Pelos annos 161 antes de J. C. o senado lavrou um decreto expellindo os philosophos e rethoricos da cidade, dominadora do orbe: porem dahi a seis annos, vindo Carneades e dois companheiros por embaixadores de Athenas a Roma, a mocidade romana se agradou tanto da eloquencia daquelles tres gregos que principiou a applicar-se ao estudo da arte que a enlevára. Affirma Seneca que fóra Lucio Plotino, natural das Gallias, o primeiro que ensinou os preceitos rethoricos na capital do mundo. Esta profissão era exercitada por libertos; mas assim que Blandus da ordem equestre a adoptou, outros muitos o seguiram, e a eloquencia teve grande voga. Suetonio nos conservou a memoria de varios desses primeiros rethoricos. Chegou porem na idade aurea da lingua latina o famoso Cicero, (2) que sendo preclarissimo entre os oradores, foi ao mesmo tempo o mais copioso e elegante dos antigos escriptores sobre a eloquencia. Quintiliano veio depois, e o seu tratado em dōze livros é geralmente considerado como a obra mais completa no seu genero, e ainda hoje o resumo della serve de texto ás lições em as nossas aulas (3). Note-se que o reinado da eloquencia na Grecia foi muito mais duradouro que em Roma.

D. GIL Annes da Costa, a quem a rainha D. Catharina muito consultava nos publicos negocios, no tempo em que a mesma senhora governava o reino, pediu-lhe que despachasse um neto do grande Duarte Pacheco; e dizendo a rainha que lhe daria a primeira commenda que vagasse, replicou D. Gil Annes: — « Ah! senhora, que não está este homem para esperanças, fique meu filho com ellas que lhe

(1) Temos uma traducção do tratado do Sublime de Longino, que anda junta a outra do tratado de Luciano sobre o modo de escrever a historia.

(2) O P.^o Antonio Joaquim, do Oratorio, trasladou para vulgar uma selecção das orações de Cicero juntando-lhe as analyses rethoricas. São tres vol. de 8.^o

(3) O erudito philologo, Jeronymo Soares Barbosa, auctor do resumo em latim, deu uma versão portugueza das Instituições Oratorias de Quintiliano. Temos um compendio d'eloquencia, appropriado para as aulas, illustrado com exemplos escolhidos, e escripto no idioma patrio pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho.

não falta o que é necessario, e a commenda, de que V. Alteza me fez mercê para elle, seja effectivamente e já para um neto do heroe, gloria desse sceptro, e que poz sceptros nessa real mão.

QUEM dá muito acanhadamente obriga pouco, quem dá pouco magnificamente obriga muito. — Fr. Jacyntho de Deus. *Brachyologia de Principes*.

ENTRE pressa e diligencia ha grande differença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella. — Bispo Osorio.

PORQUE essas honras vaãs, esse ouro puro, Verdadeiro valor não dão á gente; Melhor é merece-los sem os ter Que possui-los sem os merecer.

CAMÕES. *Cant. IX. Oit. 93.*

CURSO ELEMENTAR D'AGRICULTURA E ECONOMIA RURAL DE M. RASPAIL (*).

A TRADUCÇÃO desta obra já annunciada pelo Sr. Dr. Figueiredo, e que elle brevemente vai dar á estampa, é um dos melhores presentes que por agora se podia fazer á nossa gente do campo; como tal a recommendamos para que d'ella se aproveitem, e o traductor não venha a perder as despezas, entre nós mui fortes, da impressão, alem do tempo e trabalho que empregou em ser util aos seus patrios; podendo nós affiançar aos que fizerem aquisição desta obra que n'ella acharão meio de se ressarcirem centuplicadamente de seu custo.

Raspail é um d'aquelles genios que a natureza produz de tempos a tempos, para nos revelar alguns de seus arcanos. Por seus trabalhos tem a botanica mudado inteiramente de face; esta sciencia a que Linneu dera o nome de *amavel*, e que na verdade só isso era, fez-se com Raspail sciencia forte e philosophica. Era de reear que o reformador da botanica se elevasse em uma obra d'agricultura ás altas especulações da theoria, e a collocasse fóra do alcance da maior parte dos lavradores; mas não succedeu assim; nenhuma obra das até hoje escriptas sobre agricultura, tem um caracter mais práctico, nenhuma se appresenta com mais clareza; todas as suas theorias consistem na boa disposição e concisão com que os objectos são tratados. O auctor divide o seu Curso em 5 partes: 1.^a lavoura, 2.^a hortas, 3.^a arvores e arbustos, 4.^a jardins, 5.^a economia rural; nesta se comprehende tudo quanto diz respeito á administração rural, á creação e melhoramento das raças dos animaes domesticos, e á manipulação dos productos agricolas. Em cada uma destas partes ha alguns capitulos consagrados ás generalidades; isto é ás operações communs a todos os generos de cultura nella contidos; o resto é destinado á exposição resumida mas completa de todas as culturas especiaes. Não ha talvez uma só planta, quer de recreio quer de utilidade, que nos elle não ensine a cultivar.

Pelo que respeita ao merito da traducção e annotações temos sobejos motivos para contarmos com um trabalho consciencioso.

(*) Assigna-se para esta obra, que se publica por quadernos, em Lisboa em casa de Orcel ao Chiado, da viuva Henriques — rua Augusta n.^o 1, e do traductor — rua nova do Almada n.^o 47 — 3.^o andar. — Preço 240 rs. cada quadero: — todos juntos vem a formar um volume de 500 paginas em 8.^o francez, com 5 estampas.